

Ha pelo menos quatro tipos de viagem: (1) viajar como maneira de viver (nomadismo), (2) viajar para mudar de lugar vital (emigracao), (3) viajar para fazer algo determinado em outro lugar determinado (viagem de negocios), e (4) viajar sem finalidade determinada (turismo). O presente artigo tratara do quarto tipo. O carater aparentemente fortuito do turismo distingue este tipo de outros superficialmente semelhantes, como o sao as viagens medievais dos aprendizes e estudantes, as viagens mais recentes de cientistas e estudiosos, e as viagens atuais dos academicos migrantes entre universidades. Trata-se, com efeito, de um tipo do viajar que caracteriza a nossa epoca e nao tem paralelo na historia, nao fosse a consideracao seguinte: o termo grego "theoria" significa algo como "contemplacao desinteressada e fortuita", e o termo ingles "sight seeing" capta um pouco o seu significado. Pois sob este angulo o turismo ocuparia na nossa cena um lugar um tanto correspondente ao ocupado na antiguidade classica pela teoria. Tambem por causa do seguinte: na epoca classica a teoria e fortuita no sentido de nao servir para outra finalidade a nao ser si mesma, e todas as demais atividades se justificam na medida na qual conduzem ate a teoria. A teoria e pois a finalidade de tudo, e "pura". Isto distingue a teoria classica da moderna, que quer ser aplicada. Pois o turismo vem ocupando na atualidade quase exatamente a mesma funcao, a saber a da meta fortuita de tudo, o turismo se torna "puro". Apenas ha a seguinte diferenca: a teoria classica e prerrogativa de uma elite, (dos "filosofos"), e e de dificil alcance. O turismo atual e praticado democraticamente, (pelo menos nos paizes desenvolvidos), e torna-se mais comodo e barato a todo ano que passa. De modo que podemos dizer que o turismo e a teoria classica vulgarizada e atualizada. E sera sob este enfoque que o presente artigo o tomara como tema.

Assumamos, para tanto, o ponto de vista do turista. Descnsideremos outros, como sejam o da industria turistica, (alguss paizes como a Austria e a Suica dependem dela em alto grau), o da administracao publica, (o exercito de sete milhoes de turistas franceses representava, de acordo com a imprensa, o maior problema do governo frances em julho, representava para o governo italiano um problema maior que a sua propria queda, e o governo alemao organizou uma estrategia de longo, medio e curto alcance para tentar dominar as sucessivas ondas turisticas nas estradas, nos hotéis e campings, e nas fronteiras), e outros pontos de vista, ta como o sociologico, o etnologica, o linguistico e o de politica internacional, (a porosidade das fronteiras implica em sua degeneracao em meras interrupcoes de transito e conseqente decadencia do nacionalismo e das nacionalidades). Que se ja registrado apenas o seguinte: o presente artigo esta sendo escrito em casa de camponeses austriacos, (digamos: caboclos), que alugam quartos a turistas, como qualquer campones nas vilas appinas. Obviamente, como qualquer casa camponesa, esta dispoee de luxo comparavel a nao importa que hotel de primeira classe brasi-

leiro, e obviamente, os precos soa apròximadamente uma decima parte destes. Pois o pai trabalha em Munique, a mae viajou pela Espanha, a filha esta chegando da Italia, o filho mais velho vai acampar em Bremen, o segundo viaja com a escola primaria para a Belgica, e o terceiro para Holanda. Sem duvida o fenomeno tara amplas consequencias, algumas das quais ja visiveis: decadencia nao apenas do dialeto do vale, mas ainda do proprio alemao, costumes cosmopolitanamente diluidos, transferencia dos trajés regionais dos indigenas para os turistas, (os turistas vestem calcas de couro, os indigenas shorts e bermudas), e outras imprevisiveis, mas certamente decisivas para o futuro da Europa e da humanidade. Mas desconsideremos tudo isto e assumamos o ponto de vista do proprio turista.

A viagem pode ser dividida em tres etapas: (1) os preparativos e a partida, (2) a viagem propriamente dita, e (3) a volta. Outrora, na infancia do turismo, a primeira etapa se dava em clima festivo. Havia uma sensacao mista de planejamento e de aventura. Mapas eram estudados, horarios de trem comparados, hotéis reservados e roupas compradas. Falava-se nas viagens o ano todo, tanto na passada quanto na vindoura. E a familia acompanhava os turistas ate a estacao, para fingir lagrimas e sorrisos e abanar lenços. Hoje as coisas sao amontoadas de qualquer maneira no carro no ultimo dia do servico ou da aula, (obviamente todos, inclusive alunos secundarios, tem automovel), e o que porventura faltar pode ser comprado em qualidade identica e a precos identicos em qualquer ponto da viagem. Nao ha formalidade com passaporte, cambio ou visto de saida e entrada, e nao ha preparativo a fazer a nao ser decidir-se. A partida e portanto abrupta. No entanto, existe uma vaga ideia da direcao e do conteudo da viagem, ideia essa deduzivel do proprio automovel: no seu teto pode haver um barco de vela ou skis, um carrinho para crianças ou uma tenda. Mas a partida continua sendo um momento decisivo: transforma a propria cidade em lugar estranho e visto com novos olhos distanciados, os costumes diarios mergulham nas brumas de um passado superado, as obrigacoes perdem em importancia, e o cidadao vivencia a liberdade de locomocao como uma das fundamentais liberdades sem as quais viver nao vale mais a pena. E isto e o importante no momento da partida: e a decisao para exercer a liberdade. Um jovem berlinense ocidental me confessou outro dia que mais que o muro o restringe o fato de ter que viajar algumas centenas de quilometros antes de poder locomover-se livremente e sem programa. A falta de programa dentro de um mundo programado para essa mesma falta, eis a chave para a compreensao do fenomeno da partida para a viagem.

Diante do turista estende-se uma ampla rede de estradas primarias, secundarias, e de terceira e quarta importancia, todas excelentes e categorizadas apenas pela largura. Essa rede cobre a Europa dita "livre" e as adjacencias asiaticas e africanas. As estradas sao, (e oferecem, todas uma visao desimpedida da paisagem) quase isentas de paineis de propaganda comercial

gem. Essa paisagem e variada com riqueza incrível para um habitante do novo mundo, e uns poucos quilômetros mudam inteiramente a cena. O impacto vivincial de uma viagem de cinquenta quilômetros e maior que o de quinhentos quilômetros brasileiros. As Astúrias são completamente diferentes em natureza e cultura da Galícia e do país dos bascos, o Langue d'Oc completamente diferente do Roussillon e da Provença, o Oberammergau do Pinzgau, e no entanto trata-se de regiões ínfimas em escala brasileira. É verdade que a onda turística vai lavando as regiões e diluindo as diferenças, mas dialeticamente e igualmente verdade que o próprio turista serve de incentivo para a ênfase, pelo menos superficial, das diferenças regionais do passado. O provincialista, em turista, para a Turquia e para a Noruega, o que certamente dilui seu provincialismo, mas para o turista que visita a Provença e mais provençal que nunca. Em casa pode comer bacalhau ou chichuebab, mas ao turista serve truta com amêndoa com vinho branco. (Embora troque, com o turista escocês, durante a truta impressões sobre Cadiz).

Embora não haja quase propaganda comercial nas estradas, estas são beiradas com inscrições deste tipo: "Chambres, Zimmer, Rooms, Stanze" e "Restaurant, Konditorei, Hosteleria, Snack Bar". Essas comodidades variam em preços, mas o critério da hierarquia, (controlada pelos governos); e quase exclusivamente a paisagem. A qualidade é quase invariavelmente de primeira. No entanto, e curiosamente, os turistas criam hierarquias independentes dos preços. Há lugares frequentados pelo proletariado recentemente aburguesado, e outros pela antiga burguesia agora nivelada. Não consegui descobrir o critério da escolha. A mesma dificuldade oferece a distinção entre classes de turistas. As roupas e os carros são indistintíveis, apenas os rostos e alguns costumes apontam vagamente uma estratificação da sociedade recentemente superada. O europeu distingue melhor, e o critério é este: o ex-proletário tende a gastar com maior facilidade, e os lugares mais afastados nos teatros tendem a ser ocupados pela ex-burguesia. É preciso aprender, no entanto, que o motivo econômico não serve mais para distinguir entre os homens. Quem sabe não será nem necessário nem interessante distinguir futuramente?

Esta diluição de classes se manifesta claramente quando o turista se decide, por uma razão ou outra, de parar num determinado restaurante ou quarto. Não é "servido" no sentido que adere a esse termo. É verdade que paga pela comida e estadia, coisa que parece estabelecer uma relação de dependência do indígena, mas a relação não se estabelece. É efêmera demais e facilmente reversível, de modo que a relação é de igualdade. Não direi que se trata de relação de igualdade humana, num sentido existencial do termo, mas de igualdade de funções e de interesses. A relação se caracteriza por mútua cortesia superficial, sem cordialidade e sem interesse, (coisa que é própria do turismo). Está sem dúvida uma das problemáticas mais angustiantes do futuro.

As razões que fazem parar o turista em determinado lugar e não em outro são insondáveis e creio que a escolha depende em alto grau do acaso. Este fator aleatório confere ao turismo um caráter lúdico, e o turista é certamente um dos precursores mais importantes do homo ludens. O aspecto imprevisível do turismo torna tão difícil a organização governamental das ondas turísticas que varrem a Europa entre Junho e setembro, e entre dezembro e fevereiro. Outrora as estações indicavam vagamente as direções da escolha: no verão as praias, no inverno as montanhas. Mas atualmente as piscinas aquecidas permitem a natação em qualquer lugar a qualquer momento, e os elevadores e helicópteros o ski de verão nas geleiras. Novamente o fenômeno curioso ao qual aludi: a sociedade se organiza para permitir o acaso. A escolha aleatória, o uso fortuito da liberdade, dentro de um esquema para tanto projetado: não é esta a descrição do liberalismo neo-capitalista que triunfou na Europa? O turismo o torna patente.

Mas há uma dialética na escolha do lugar de parada que a torna mais acessível a uma explicação "post festum": é resultado de uma busca de solidão e de companhia. O turista sai do formigueiro da cidade, (aldeias praticamente não mais existem, e a Europa ocidental está em processo de suburbanização galopante), portanto sai de uma situação de falta de solidão e falta de companhia. Não é preciso explicar a um paulistano que companhia não pode haver em solidão e que a massa é inimiga da relação humana. Pois embora a massificação não tenha alcançado na Europa as proporções paulistanas, o fenômeno é o mesmo. E o turismo é um fenômeno que a supera. É verdade que as estradas se enchem de carros massificados nas horas críticas, (embora nunca tanto quanto a Anchieta), mas a Europa é muito grande e as ondas turísticas se ramificam pelas estradas capilares. O que surpreende é a vastidão da paisagem e a solidão que nela reina até em momentos de máximo turismo. O turista busca os lugares ermos, (nas montanhas, nas praias, nos lagos, a beira dos riachos, nos prados, nas florestas), e ocupa um quarto em casa de campo ou acampa num camping. Assim se estabelecem pequenas comunidades, (os ocupantes de uma casa ou de um camping), multi-nacionais, aglomeradas ao acaso, efêmeras e sem responsabilidades pre-estabelecidas, compostas de elementos heterogêneos em todos os sentidos. Eis um novo tipo de polis que ainda aguarda o seu Platão para teorizá-la e transformá-la em Utopia.

O turista não permanece necessariamente os dois meses de férias na mesma comunidade. Pode até, durante as mesmas férias, mudar duas ou três vezes de acampamento. Os que têm carro-habitacão tendem a migrar mais frequentemente. Esta mobilidade confere às comunidades um caráter de "estrutura aberta", e ao turista a experiência de participar de várias comunidades sucessivamente. É claro que as comunidades podem ser vagamente catalogadas de acordo com a sua

pretensa finalidade: as de pesca, as de alpinismo, as de ski, as de musica, as de "finalidades educativas". Mas a abertura das suas estruturas torna illusoria essa tentativa de por ordem na desordem. Ao lado dessas comunidades, (cujo tamanho pode variar entre 10 a 50 participantes), continuam as antigas estacoes termiais, cidades de recreio e de veraneio, vestigios de uma ordem burguesa entre as duas guerras. Tem, para o observador brasileiro, um carater nitidamente arcaico, (vitoriano), e sao conservadas, parece, como uma especie de museu dedicado a saudade. A quantidade de velhos senhores e velhas senhoras que frequenta tais lugares e surpreendente. Os velhos na Europa aparentemente nao apenas teimam em nao morrer, mas ainda teimam em continuar participando dos gozos da vida. E a quantidade de aleijados entre eles e um memento sombrio das duas guerras que tendem a ser esquecidas pelos jovens. (Perguntei a um grupo de criancas austriacas quem era Hitler, ninguem o sabia menos um que respondeu mecanicamente: um tirano. Ha uma ambivalencia nessa ignorancia do passado recente, que certamente merece analise mais apurada).

Se posso resumir o resultado ate aqui alcancado, seria este: o turismo europeu, (e americano, na medida na qual americanos participam do fenomeno europeu) e uma nova forma de vida que o liberalismo neo-capitalista criou, (sem conscientemente o ter programado), que tende a acelerar a superacao das distincoes entre classes e povos, que fornece ao funcionario uma valvula pela qual escapa ao enquadramento e cria relacoes quase-humanas fora do aparelho, que concede ao funcionario uma distancia a partir da qual pode ver o aparelho "em situacao de transcendencia", mas que existe gracias ao funcionamento perfeito desse proprio aparelho. Falta considerar a etapa da volta.

Imagino, sem te-lo presenciado, que a volta e uma especie de transfiguracao pela qual o turista e sua circunstancia imediata passam abruptamente. O seu carro se transforma, de veiculo da liberdade, em meios de transporte. Sua mulher se transforma, de companheira, em cosinheira e pagem. Seus filhos se transformam, de camaradas nos jogos, em itens invisiveis na conta "despesas", e ele proprio se transforma, de quase homem, em produtor, consumidor e contribuinte. E o agravante da transfiguracao e este: o ex-turista sabe da degradacao coisificante que sofre, dada a "transcendencia" da qual esta voltando. Pouco consolo representa o fato que o periodo turistico tende a igualar em duracao o periodo do funcionamento, porque e o funcionamento que garante e sustenta o turismo. Esta talvez aqui uma das fraquezas da posicao dos contestadores: sao turistas que nao querem voltar, e que nao querem admitir que podem ser turistas apenas gracias aos que voltam. Assim o turismo e uma conquista do liberalismo que pode, repentinamente, transformar-se em um dos perigos mais perniciosos para a sua permanencia continuada.

Disse no inicio deste artigo que o turismo ocupa, na atualidade, aproximadamente o lugar ocupado pela teoria na antiguidade. Como conclusao elaborarei um

pouco o paralelo. Na utopia platónica a política repousa sobre a economia, Platon afirma que não pode haver liberdade sem escravidão que a sustente, A teoria por sua vez repousa sobre a política, e pode dar-se apenas em liberdade. Assim, a política é a justificativa da escravidão, e a teoria é como a política se justifica. Atualmente, nos países desenvolvidos, a escravidão está, em tese, relegada às máquinas, e sobre elas repousa a sociedade. Na prática, no entanto, a sociedade democrática toda sofre um processo de mecanização pela qual se escraviza, embora não se trate mais de escravidão do sofrimento, senão do enquadramento. (Desconsiderando o fenómeno inquietante dos milhões de "trabalhadores-hóspedes" dos países subdesenvolvidos e socialistas que são, efetivamente, uma espécie de escravos bem pagos.) Pois a sociedade que repousa sobre a economia mecanizada não tem mais dimensão política no sentido platónico do termo. Se "política" é o campo das opiniões em conflito, portanto da liberdade, não há lugar para isto em situação planificada e futurável. Talvez é a ciência atual o substituto da política clássica, mas isto requereria outra pesquisa. A liberdade se trans-politizou na atualidade e invadiu o campo da clássica teoria. A saber: não é mais a troca de opiniões para tomar escolhas, mas é a tomada aleatória e lúdica de escolhas sem meta. A liberdade do turista. A teoria clássica, a contemplação das ideias eternas por abandono das meras opiniões políticas, é uma superação do nível político acessível a poucos. O turismo atual, a tomada de decisões aleatórias em transcendência das ações meramente racionais, é uma superação da economia e da política acessível a praticamente todos. Isto é: o ~~político~~ filósofo clássico transcende a grande massa da sociedade, (escravos e políticos), e forma o cume de uma hierarquia. O turista atual transcende-se a si mesmo, (o escravo e o político dentro de si), e paira no vazio. Por isto, quando o filósofo volta para a caverna afim de engajar-se, e para uma realidade social que volta. Mas o turista, quando volta a enquadrar-se, afim de funcionar e garantir viagens turísticas futuras, volta para o nada. A diferença entre teoria e turismo é pois esta: a teoria é vivenciada como a libertação de um condicionamento natural e social em prol da sacralidade; e o turismo é vivenciado como a libertação do mesmo condicionamento em prol da futilidade. Sem dúvida: o turismo é um fenómeno muito significativo para quem quer prever o futuro. Mas é um fenómeno suficientemente ambíguo e misterioso para deixar o futuro imprevisível.